



FACULDADE VALE DO AÇO – FAVALE
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

CARINA MARIA MARTINS DA CRUZ

**ADAPTAÇÃO DE MANEJO CATFRIENDLY EM CLÍNICAS VETERINÁRIAS –
Revisão de Literatura**

Açailândia
2021

CARINA MARIA MARTINS DA CRUZ

**ADAPTAÇÃO DE MANEJO CATFRIENDLY EM CLINICAS VETERINÁRIAS –
Revisão de Literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Medicina Veterinária da Faculdade Vale do Aço – FAVALE, para obtenção do grau de bacharelado em Medicina Veterinária.

Orientadora: Prof. Me Jessica Vanessa dos Santos Lindoso.

Açailândia
2021

**Ficha catalográfica - Biblioteca José Amaro Logrado
Faculdade Vale do Aço**

C957a

Cruz, Carina Maria Martins da.

Adaptação de Manejo Catfriendly em Clínicas Veterinárias:
revisão de literatura. / Carina Maria Martins da Cruz – Açailândia, 2021.
43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Medicina Veterinária,
Faculdade Vale do Aço, Açailândia, 2021.

Orientadora: Profa. Msc. Jessica Vanessa dos Santos Lindoso.

1. Gatos Domésticos. 2. Manejo Catfriendly. 3. Comportamento Felino. I.
Cruz, Carina Maria Martins da. II. Lindoso, Jessica Vanessa dos Santos.
(orientadora). III. Título.

CDU 599.742.73-049.2

Elaborada pela bibliotecária Thairine Nascimento Costa – CRB-13/944

CARINA MARIA MARTINS DA CRUZ

ADAPTAÇÃO DE MANEJO CATFRIENDLY EM CLINICAS VETERINÁRIAS
– Revisão de Literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Medicina veterinária da Faculdade Vale Do Aço para obtenção do grau bacharel em Medicina Veterinária.

Aprovado em ____/____/ 2021

BANCADA EXAMINADORA

Prof. Me. Jéssica Vanessa dos Santos Lindoso (Orientadora)

Prof. M.SC Jefferson Ribeiro Bandeira
Faculdade Vale do Aço – FAVALE

Prof. Me Tercya Lúcida de Araújo Silva
Faculdade Vale do Aço – FAVALE

Dedico a Deus, pois sem ele eu não
teria capacidade de terminar este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, na qual me ajudou em todos os momentos de ansiedade e medo para que eu não desistisse do meu maior sonho.

Agradeço a minha mãe Cleide Maria, que mesmo de longe nunca me deixou desamparada, sempre se fez presente e me incentivou nos meus piores momentos de angustia, desânimo e cansaço. Ela, que em nenhum momento desistiu ou desacreditou da minha capacidade de crescer e que graças aos seus esforços junto ao meu querido padrasto Ismael Reis, outro grande incentivador, batalharam para que eu pudesse chegar tão longe nessa jornada.

Agradeço meu pai, João Rodrigues, que mesmo longe nunca deixou de ajudar e apoiar no meu sonho.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos que torcem por mim, graças ao incentivo me fizeram chegar à conclusão do meu curso e começo de uma nova carreira.

Agradeço a minha amiga Kessia Silva Fabricante, que o curso me apresentou, pela amizade e pelo apoio demonstrado em todos os momentos que precisei.

Agradeço a minha gata de estimação Cicy, graças a ela surgiu a minha grande vontade de fazer este trabalho e seguir carreira na área, pensando no seu bem estar e no que eu quero de melhor para ela e para todos os gatos de estimação, esteve comigo em todos os meus momentos, minha alegria diária.

Agradeço a todos os meus professores por todo o conhecimento prestado, por toda paciência, sem eles não teria obtido tanto aprendizado. E agradeço em especial minha orientadora Jessica Lindoso por ter aceitado e encarado esse desafio junto comigo, por todo suporte, correções e incentivos

O senhor é o meu pastor, nada me faltará
Salmos 23:1

Em tudo daí graças, porque esta é a
vontade de Deus em Cristo Jesus para
convosco.

1 Tessalonicenses 5:18

RESUMO

O aumento do número de gatos domésticos em lares brasileiros é uma realidade. No acumulado, esse foi o animal que mais cresceu, com alta de 8,1% desde 2013. Porém, apesar do inegável crescimento dos gatos como animais de estimação, gatos recebem menos cuidados veterinários que os cães, além de possuírem características fisiológicas e comportamentais que diferenciam o atendimento clínico entre cães e gatos. Desta forma, esse trabalho tem como objetivo elaborar uma revisão sobre as práticas catfriendly, criadas principalmente com o intuito de reduzir estresse, medo e dor nos felinos domésticos, além de compreender e respeitar seu comportamento natural. Foram utilizados trinta artigos obtidos nas bases de dados PudMed, Google Acadêmico, Scielo e Periodico publicados nos últimos 10 anos, abordando as principais práticas de manejo amigável de felinos domésticos descritas na literatura e como estas podem ser aplicadas. Assim, foi possível observar que o manejo catfriendly proporciona diminuição dos possíveis acidentes com a equipe veterinária, promove maior bem estar aos felinos e cria laços de confiança entre veterinário e tutor, sendo necessária a atualização dos veterinários clínicos de pequenos animais para um atendimento que seja adequado a fisiologia e comportamento felino, bem como conscientização de tutores sobre as particularidades da espécie.

Palavras-chaves: Gatos domésticos, Manejo Catfriendly, Comportamento felino.

ABSTRACT

The increase in the number of domestic cats in Brazilian homes is a reality. In accumulated terms, this was the fastest growing animal, up 8.1% since 2013. However, despite the undeniable growth of cats as pets, cats receive less veterinary care than dogs, in addition to having physiological and behavioral characteristics that differentiate clinical care between dogs and cats. Thus, this work aims to prepare a review of catfriendly practices, created mainly with the aim of reducing stress, fear and pain in domestic cats, in addition to understanding and respecting their natural behavior. Thirty articles obtained from the PudMed, Google Academic, Scielo and Periodico databases published in the last 10 years were used, approaching the main practices of friendly management of domestic felines described in the literature and how these can be applied. Thus, it was possible to observe that the catfriendly management provides a reduction in possible accidents with the veterinary team, promotes greater well-being to the felines and creates bonds of trust between the veterinarian and the tutor, requiring the updating of small animal clinical veterinarians for a service that is suitable for feline physiology and behavior, as well as awareness of guardians about the particularities of the species.

Keywords: Domestic cats, Catfriendly management, Feline behavior.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Órgão vomeronasal e comportamento de flehmen	20
Figura 2 – Contenções que trazem consequências no atendimento clínico, passiva com mínima pressão (A), contenção de corpo inteiro (B);(C), contenção pela parte de trás do pescoço (D) e com cliques de clipnose (E).	21
Figura 3 - Selo disponibilizado pela AAFP, assegurando a prática Catfriendly em ambientes considerados aptos.....	25
Figura 4 - Selo disponibilizado pela ISFM, garantindo a clínica Catfriendly em ambientes considerados aptos.....	25
Figura 5 - Posturas corporais felinas utilizadas para comunicar medo e potencial agressão.....	27
Figura 6 - Expressões corporais felinas demonstrativas de comportamentos pacíficos até os defensivos.	27
Figura 7 - Enriquecimento ambiental com plataforma elevada.....	29
Figura 8 - Examinar o gato onde for confortável, como em uma bancada da sala de exame ou enquanto permanece no fundo da transportadora, onde for menos estressante.....	32
Figura 9 - Massagear ou acariciar o topo da cabeça ajuda a relaxar.....	33
Figura 10 - Gatos se sentem mais seguros enrolados na toalha.	33
Figura 11 - Felino saindo sozinho da caixa de transporte no consultório	36
Figura 12 - Cromoterapia	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. JUSTIFICATIVA	14
3. OBJETIVO:	15
3.1 Geral	15
3.2 Específicos	15
4. METODOLOGIA	16
4.1 Tipo de estudo	16
4.2 Critérios para seleção de artigos	16
4.2.1 Base de dados	16
4.2.2 Termos livres	16
4.2.3 Critérios de inclusão e exclusão	16
5. PARTICULARIDADES FISIOLÓGICAS E COMPORTAMENTAIS DO FELINO DOMÉSTICO	18
6. FATORES ESTRESSANTES QUE CAUSAM IMPACTO CONSIDERÁVEL NA SAÚDE DO FELINO	20
6.1 Contenções	21
6.2 Influência do estresse no exame de sangue	22
7. IMPORTÂNCIA DO BOM ATENDIMENTO MÉDICO VETERINÁRIO AO PACIENTE FELINO	23
8. MANEJO CATFRIENDLY	23
8.1 Clínica Veterinária Cat Friendly Clinic/ Catfriendly Practice	25
8.2 Reconhecendo a Ansiedade e Medo na comunicação e comportamento dos gatos	26
8.3 Preparação do felino a consulta na clínica veterinária	28
8.4 Caixa de transporte	29
8.5 Gabapentina	30
9. ABORDAGEM DO FELINO NA ROTINA CLÍNICA	31
9.1 Recepção E Espera	34

9.2 Sala de atendimento.....	35
9.3 Observando seu paciente.....	36
9.4 Manuseio correto do paciente felino	37
10. PRATICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES.....	38
11. MANEJO AMIGÁVEL NA VOLTA PARA CASA.....	39
12. CONCLUSÃO	41
BIBLIOGRAFIA	42

1. INTRODUÇÃO

O número de gatos de estimação vem cada dia mais crescendo na maioria dos países, ou seja, o aumento do número de gatos como animais de companhia é um fenômeno mundial. Destaca-se ainda, que a população felina excede a canina em alguns países da Europa e nos Estados Unidos da América (BEAVER, 1992; OVERALL, 1997; FLANIGAN et al, 2007). Porém ainda assim, gatos recebem menos cuidados veterinários que os cães (RODAN et al, 2011).

O gato doméstico apresenta inúmeras peculiaridades fisiológicas e comportamentais que não podem ser ignoradas quando se procura realizar um bom atendimento a esses animais. Para isso, é necessário entender as diferentes perspectivas: do cliente, da equipe veterinária e do gato (SILVA, 2017). Muitos fatores estressantes contribuem para que o gato acabe não recebendo um atendimento correto que causam traumas e agressividade em decorrência do manejo inadequado nas clínicas veterinárias, o que ocasiona um impacto considerável na saúde do felino, podendo levar alguns animais à eutanásia ou abandono, em função da falta de compreensão da complexidade destes.

Os gatos estão ligados ao seu ambiente doméstico e raramente o deixam por escolha. Ser forçado a entrar em um ambiente estranho deixa o gato inseguro sobre sua segurança e causa ansiedade e angústia. Preferem evitar o perigo e o confronto fugindo ou se escondendo, estratégias que não são fáceis de empregar durante as visitas ao veterinário. (LITTLE, 2019).

Pensando nisso em 2012, a American Association of Feline Practitioners (AAFP) introduziu sua iniciativa Cat Friendly Practice (Prática amigo do gato) para ajudar as clínicas a aumentar as visitas veterinárias para gatos e melhorar o nível de cuidados de saúde que os gatos recebem (LITTLE, 2019). O manejo catfriendly aborda técnicas que compreendem maneiras ideais de transportar o gato até a clínica e na volta para casa, assim como postura do veterinário em relação ao paciente ao longo da consulta. Baseado nessas estratégias de abordagem ao paciente felino, temos um guia a ser seguido e, a partir dele, podemos qualificar ambientes especializados no atendimento de gatos. (SILVA, 2017).

Little (2019) frisa que estas técnicas melhoram o bem-estar e os cuidados veterinários para gatos, bem como tornar o trabalho com gatos mais seguro e

gratificante tanto para a equipe veterinária quanto para o dono. Os cuidados de saúde adaptados às várias fases da vida do gato melhoram o reconhecimento precoce e o tratamento dos problemas, melhorando assim a saúde e o bem-estar felino e preservando o vínculo humano-animal. Gatos de estimação têm vivido por mais tempo, tem crescido o número de adeptos a criar felinos domésticos e o veterinário deve estar apto a atender a espécie da melhor forma existente, proporcionando assim ambientes mais bem preparados para receber, atender e tratar essa espécie em conjunto com o avanço da medicina felina (RODAN, 2016).

Diante disto, este trabalho tem como objetivo realizar um estudo sobre a importância da prática de manejo catfriendly a fim de atender o felino doméstico com excelência.

2. JUSTIFICATIVA

O aumento do número de gatos domésticos em lares brasileiros é uma realidade. Segundo o Instituto Pet Brasil, em 2018 foram contabilizados no país 54,2 milhões de cães; 39,8 milhões de aves; 23,9 milhões de gatos; 19,1 milhões de peixes e 2,3 milhões de répteis e pequenos mamíferos. A estimativa total chega a 139,3 milhões de animais de estimação. O destaque vai para o crescimento de casas que escolhem o gato como animal de estimação. No acumulado, esse foi o animal que mais cresceu, com alta de 8,1% desde 2013 (INSTITUTO PET BRASIL, 2019).

Porém, apesar do inegável crescimento dos gatos como animais de estimação, gatos recebem menos cuidados veterinários que os cães (RODAN et al, 2011), além de possuírem características fisiológicas e comportamentais que diferenciam o atendimento clínico entre cães e gatos. Nesse contexto, tem-se a importância do manejo adequado na abordagem do gato por parte da equipe veterinária, uma vez que isso determina a qualidade e a eficiência de um atendimento ideal para esses animais, tão particulares na clínica médica de pequenos animais.

Com uma abordagem catfriendly, é possível manter pacientes mais saudáveis, com reduzida possibilidade de desenvolverem doenças relacionadas ao stress, decorrentes do manejo inadequado pelo veterinário e proprietário. Com o isso o objetivo é realizar um estudo sobre a importância do manejo catfriendly para uma boa interação entre paciente e veterinários em procedimentos e atendimentos, identificar as características comportamentais da espécie felina, reconhecer os principais fatores associados a procedimentos veterinários que causam estresse nos felinos, caracterizar os sinais de estresse e desconforto manifestados pelos gatos durante atendimentos veterinários, especificar as melhores abordagens na rotina clínica de atendimento a felinos pautadas no conceito de manejo catfriendly e divulgar a importância de um atendimento veterinário voltado ao comportamento felino.

Atendimentos diferenciados aumentam a expectativa de vida desses animais, uma vez que a ida ao veterinário não é mais um empecilho ao bem-estar do gato e este poderá ser avaliado sempre que necessário, recebendo o mínimo de interferência social.

3. OBJETIVO:

3.1 Geral

Realizar um estudo sobre a importância do manejo catfriendly para uma boa interação entre paciente e veterinários em procedimentos e atendimentos.

3.2 Específicos

- Identificar as características comportamentais da espécie felina.
- Reconhecer os principais fatores associados a procedimentos veterinários que causam estresse nos felinos.
- Caracterizar os sinais de estresse e desconforto manifestados pelos gatos durante atendimentos veterinários.
- Especificar as melhores abordagens na rotina clínica de atendimento a felinos pautadas no conceito de manejo catfriendly.
- Divulgar a importância de um atendimento veterinário voltado ao comportamento felino.

4. METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

A pesquisa foi desenvolvida seguindo os preceitos do estudo de Beaver (2003), onde se utilizou fontes de dados da literatura sobre o tema. Constando de uma revisão baseada em levantamentos bibliográficos.

4.2 Critérios para seleção de artigos

4.2.1 Base de dados

As buscas foram realizadas em quatro bases de dados bibliográficas: PubMed, Scielo, Google Acadêmico e Periódico. Utilizou-se 10 artigos nacionais e vinte internacionais, escritos em inglês e português.

Além da utilização de quinze livros na área da medicina veterinária abordando diferentes temas sobre o manejo e comportamento do paciente felino. Foi utilizado também duas monografias, uma dissertação e um jornal na área de Medicina Veterinária em felinos e um site, relacionados a manejo clínico, comportamento, enriquecimento ambiental e relação entre médico veterinário e proprietário de gatos domésticos, totalizando trinta e cinco referências ao longo do trabalho.

4.2.2 Termos livres

Os seguintes termos de busca foram utilizados: manejo catfriendly, catfriendly, tipos de comportamento felino doméstico, manejo paciente felino, novas diretrizes ao paciente felino, American Association of Feline Practitioners (AAFP), pratica amigável para gato, gatos dias de hoje, enriquecimento ambiental gatos, estresse felino, traumas em gatos na clínica veterinária, catfriendly brasil.

4.2.3 Critérios de inclusão e exclusão

Incluiu artigos recentes sobre as práticas exclusivas para felinos criada pela American Association of Feline Practitioners (AAFP) dos últimos 10 anos, maioria dos artigos referente a este assunto são internacionais, principalmente pelo fato desta pratica ser americana e europeia e começaram a serem utilizados e ter conhecimento recente no Brasil e em outros países

5. PARTICULARIDADES FISIOLÓGICAS E COMPORTAMENTAIS DO FELINO DOMÉSTICO

Os felinos começaram a ser domesticados muito depois dos cães, quando estes já eram totalmente domesticados (ABINPET, 2015). Apesar da domesticação dos gatos, ainda hoje possuem traços selvagens de seus ancestrais. Por sua natureza predatória, o gato está sempre em alerta e apresenta como características de rotina o ato de caçar, explorar e se esconder de possíveis predadores maiores. Para entender as respostas de felinos frente ao estresse e saber a importância de minimizá-las é necessário entender suas características fisiológicas e comportamentais. A falta de entendimento sobre seus comportamentos normais e suas necessidades é o que causam a maioria dos problemas que surgem com tutores e veterinários (CASE, 2003).

De acordo com os autores Natoli, Baggio e Pontier (2001) comportamentos considerado amigáveis nos gatos são tocar e cheirar o focinho do outro felino, com olhos semicerrados, o roçar recíproco, o lamber recíproco, o dormir ou descansar juntos, podendo um gato usar o outro como apoio e brincarem juntos (apud PEREIRA et al, 2013). Como também tem comportamento chamado agonísticos entre os felinos: ameaças (vocais, posturais, visuais) e comportamentos submissos, como o agachamento com as orelhas voltadas para trás, em resposta à aproximação do outro gato (SILVA, 2017).

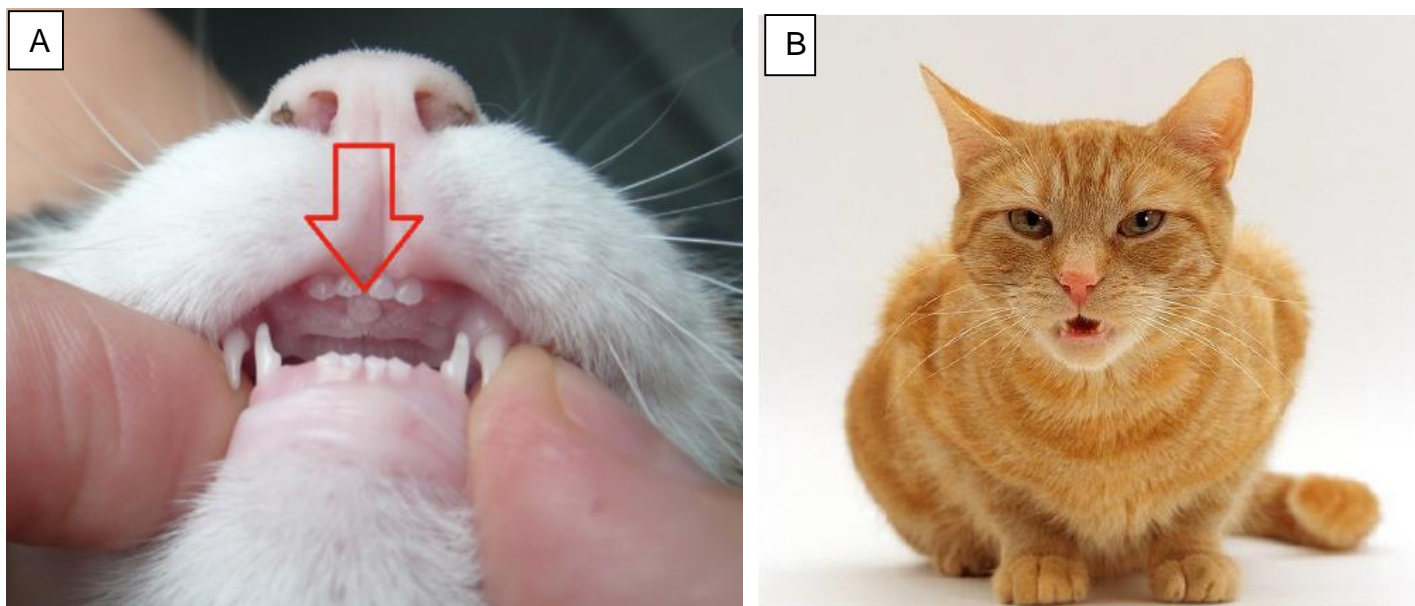
Gatos usam sinais sonoros para se comunicarem, bem como sinais visuais e odoríferos. Os sinais sonoros podem ser manifestados de muitas formas, como rosnados, miados, gritos, assobios e etc., sendo que existem timbres e frequências diferentes em diversos tons, cada um tem seu jeito para comunicar algo em específico. Sua capacidade de ouvir, por exemplo, é quatro vezes mais acurada que a nossa, o que explica o fato de serem mais afetados por sons de vozes de estranhos e barulhos comuns na rotina clínica, como latidos, aparelhos de Raio X e outros equipamentos. O senso olfatório dos gatos é excelente e estes se utilizam da marcação odorífera para expressarem seus instintos territoriais (SILVA, 2017).

A presença do órgão vomeronasal (Figura 1A) permite a detecção dos feromônios liberados, através dos movimentos de *flehmen* (Figura 1B), assim qualquer cheiro ou demarcação de outros animais eles conseguem detectar, já que

conseguem fazer a captação química olfatória ambiental. De forma visual, gatos usam a linguagem corporal como maneira de sinalizar outros da mesma espécie ou não, podendo ser evidenciada pelo arquear do dorso, como demonstração de medo, ou o piscar lentamente, com sentido de relaxamento, analisar a posição da cauda, das orelhas, o movimento do corpo, o formato dos olhos e os sons emitidos pelo animal são as peças-chave para entender a linguagem corporal dos gatos (PEREIRA et al, 2013).

É importante ressaltar que o comportamento social do gato doméstico se torna essencial para suas reações diante de procedimentos veterinários. O processo de socialização do filhote se dá no momento em que o animal consegue estabelecer um vínculo com o ambiente onde vive, o que inclui humanos, outros animais, manejo, manipulações. Sendo assim, as respostas sociais dos felinos domésticos serão um reflexo das relações que teve, de suas experiências e de seus aprendizados (SCHOLTEN, 2017), o que mostra a importância de uma experiência veterinária positiva na vida inicial filhotes.

Little (2012) afirma que entre a terceira e a sétima semana de vida, o chamado período sensível, é o momento mais apropriado para a socialização. Assim, quanto maior o manuseio do filhote e exposição a estímulos novos, maior é a chance de no futuro o animal se tornar um gato adulto social e amigável, facilitando práticas veterinárias. Cabe ao veterinário orientar o tutor que manuseios diários devem ser implantados na rotina dos filhotes, como: simulação da contenção realizada nos consultórios veterinários, motivação da entrada em caixas de transporte e habituação à presença de barulhos diferentes, bem como à presença de desconhecidos.

Figura 1 - Órgão vomeronasal e comportamento de *flehmen*.

Fonte: RODAN, 2012.

6. FATORES ESTRESSANTES QUE CAUSAM IMPACTO CONSIDERÁVEL NA SAÚDE DO FELINO

O estresse é um dos fatores que mais influenciam o comportamento e desenvolvimento em felinos domésticos. Devido a sua fisiologia única, os gatos são mais propensos a sofrerem de estresse agudo quando expostos a estímulos desconhecidos, qualquer estímulo não familiar a um gato pode desencadear muita apreensão, ativando o estresse (LITTLE, 2012). Gatos são uma espécie que para se sentirem bem e confortáveis precisam de rotina, um ambiente tranquilo e seguro para viver.

Moberg (2000) define o stress como uma resposta biológica que surge quando um indivíduo percebe uma ameaça à sua homeostasia. A ameaça é a causa do stress. Se a resposta afeta o bem-estar animal define-se como distress (aflição). A contínua estimulação do sistema nervoso simpático altera o funcionamento hipotalâmico e principalmente desordena as funções hormonais das glândulas adrenais.

A longo prazo, essa desorganização funcional poderá ocasionar agravos no sistema imunológico do animal levando a queda fisiológica e psicológica (LITTLE, 2012). Segundo Griffin (1989) muitas infecções respiratórias do trato superior e outras

doenças infecciosas em felinos domésticos estão diretamente relacionadas ao estresse sofrido pelo animal.

Nos gatos domésticos, a ida ao Médico Veterinário é encarada por eles como uma ameaça. Os gatos preferem evitar o perigo e o confronto fugindo ou se escondendo, estratégias que não são fáceis de empregar durante as visitas ao veterinário. Todos os procedimentos envolvidos são contrários à sua natureza, na qual, utiliza a fuga como forma de lidar com as ameaças. Mesmo em gatos que não demonstram sinais de stress e parecem cooperar ocorre uma descarga do sistema nervoso simpático que provoca alterações na frequência cardíaca, pressão arterial e glicemia, que podem ser mal interpretados e tratados erroneamente (CANNON & RODAN, 2015).

As alterações clínicas mais observadas durante o atendimento consistem em taquicardia, bradicardia se o stress for prolongado, aumento na frequência respiratória, pupilas dilatadas, hipertermia, colite de stress (com muco ou sangue), causando dificuldade de estabelecer um diagnóstico e dificultando o exame clínico. Exames clínicos como o ortopédico, neurológico ou oftalmológico tornam-se muito difíceis de realizar. Mesmo procedimentos simples como as colheitas de sangue e urina podem tornar-se complicadas (CANNON & RODAN, 2015).

6.1 Contenções

Moody, Mason, Dewey, Niel (2019), afirmam que com os gatos “menos é mais”, toda e quaisquer forma de contenção traz várias formas de estresse no felino. Contenções que devem ser evitadas na rotina de clínicas veterinárias: contenção passiva com pressão mínima (Figura 2A) permite que o gato fica na posição que preferir, contenção de corpo inteiro (Figura 2B; Figura 2C) na qual envolve segurar o gato de lado enquanto segura as pernas e não permite muitos movimentos, pela nuca em que são segurados pela parte de trás do pescoço (Figura 2D) e com cliques de clipnose (Figura 2E).

Figura 2 – Contenções que trazem consequências no atendimento clínico, passiva com mínima pressão (A), contenção de corpo inteiro (B);(C), contenção pela parte de trás do pescoço (D) e com cliques de clipnose (E).



Fonte: MOODY, *et al*, 2019.

Todos elas trazem consequências no atendimento e muitos gatos reagem de forma negativa resultando em um comportamento agressivo, e quanto mais medo sentem, mais agressivos. Os primeiros sinais são a movimentação da orelha, alterações da frequência respiratória, dilatação da pupila, lambida dos lábios e vocalizações. Gatos submetidos à contenção de corpo inteiro apresentam uma taxa respiratória mais alta e mais vocalizações. A contenção de corpo inteiro e cliques levam a mais dilatação da pupila, e todos os três métodos de contenção trazem o desconforto para o animal (MOODY, *et al* 2019).

6.2 Influência do estresse no exame de sangue

A somatória dos fatores estressantes fazem com que o gato saia da sua zona de conforto e passe a ter um nível alto de estresse agudo, sendo conhecido como resposta de “luta ou fuga”, tendo uma grande influência nos resultados laboratoriais devido a respostas do organismo com a liberação de adrenalina. A ação

da adrenalina acaba resultando na alteração da concentração das células sanguíneas tendo grande influência no hemograma, onde em gatos, os leucócitos responsáveis pela defesa do corpo, são as mais acometidas (SILVA; MONTEIRO, 2017).

Na análise do leucograma, em caso de estresse agudo será possível observar: Leucocitose por neutrofilia e/ou linfocitose, ou seja, aumento no número de leucócitos (neutrófilos e/ou linfócitos) no sangue. Essa leucocitose é denominada fisiológica já que não está relacionada a nenhuma doença existente, por isso é necessário o manejo adequado para uma coleta tranquila e com o mínimo de estresse possível. (SILVA; MONTEIRO, 2017).

Segundo Thrall (2007), a adrenalina também interfere nas células vermelhas uma vez que ela causa a contração esplênica e como consequência aumenta a liberação de hemácias na corrente sanguínea, causando policitemia. Portanto, o manejo durante a ida ao veterinário é de extrema importância, assim como o momento da coleta, influenciando diretamente nos resultados dos exames laboratoriais

7. IMPORTÂNCIA DO BOM ATENDIMENTO MÉDICO VETERINÁRIO AO PACIENTE FELINO

Mesmo com grandes avanços na medicina felina sobre o atendimento ideal, muitos veterinários têm dificuldade de entender a natureza e comportamento normais da espécie felina. A falta de compreensão de como os gatos reagem ao medo e à dor acaba trazendo dificuldades durante a consulta veterinária (LUE et al, 2008). Segundo o autor Silva (2017), felinos escondem quaisquer sinais de doença que estejam sentindo, então um médico veterinário com práticas de manejo adequado e especializado em felinos proporcionara um atendimento melhor para o animal onde muitos ainda pecam generalizando o mesmo atendimento que faz em um cão fazendo o mesmo no gato.

8. MANEJO CATFRIENDLY

O manejo catfriendly consiste na pratica de manejo sem estresse, sem contenções bruscas, respeitando o tempo do paciente felino, sendo primordial em todas as situações. Um atendimento Catfriendly (traduzindo para o português “amigo do gato”) significa entender as situações e o ambiente por meio do ponto de vista do

gato. Ser gentil, amigável e oferecer um atendimento adaptado às necessidades dos felinos faz toda a diferença na hora do atendimento. Com uma abordagem catfriendly, tem-se pacientes mais saudáveis, com reduzida possibilidade de desenvolverem doenças relacionadas ao stress, decorrentes do manejo inadequado pelo veterinário e proprietário (BAYER, 2016).

Os objetivos desta pratica é redução de medo e dor do paciente, ter a aproximação e confiança do cliente, detecção precoce de alterações clínicas relevantes para manter íntegra a saúde e redução de lesões ao tutor e aos veterinários causadas pelo gato (RODAN et al, 2011). Cada gato é único, algumas vezes é necessária a realização de contenção, mas é essencial que a abordagem seja mais amistosa possível. Atender gatos demanda muito mais tempo de consulta quando comparamos com uma consulta de cão, porque é primordial ser um atendimento mais calmo (BALTZ, 2016).

Para que a empresa ou instituição possa ser considerada um ambiente catfriendly, é necessário que esta possua, no mínimo, um profissional membro da American Association of Feline Practitioners (AAFP) (SILVA, 2017). A certificação internacional Cat Friendly Veterinarian feita pela AAFP demonstra compromisso com os padrões de cuidados com os felinos dentro do atendimento veterinário. Veterinários certificados por esse programa adquirem conhecimento técnico, habilidades e práticas clínicas adequadas para o melhor atendimento especializado em medicina felina, visando sempre o melhor para o paciente. Um local com este certificado demonstra ter alto nível de comprometimento, dedicação e excelência em Medicina Felina.

Segundo Silva (2017) são produzidos manuais direcionados ao proprietário, informando melhores maneiras de lidar com o gato em casa, além de auxiliar no entendimento dos leigos acerca das necessidades felinas. A criação do Cat-Friendly-Clinic (Figura 4) /Cat-Friendly-Practice (Figura 3), pelas associações europeia International Society of Feline Medicine (ISFM) e americana (AAFP), propõe esquemas envolvendo técnicas para pensar no gato como um paciente distinto e permitir que os tutores reconheçam as práticas catfriendly. Segundo a ISFM o conjunto destes materiais tem como objetivo abordar questões práticas de manejo até procedimentos mais que são utilizados na rotina clínica, além disso traz uma série de requisitos que são necessários no atendimento para os gatos, apresentando equipamentos ideais e design apropriado das instalações. A espécie felina é a que mais cresce em números nos lares brasileiros (LITTLE, 2012). A abordagem ao

paciente felino normalmente é muito melhor conduzida quando o profissional utiliza o manejo catfriendly (amigo do gato), afinal, deve-se prestar além de um atendimento técnico, mas também humanizado (SILVA, 2017).

Figura 3 - Selo disponibilizado pela AAFP, assegurando a prática Catfriendly em ambientes considerados aptos.



Fonte: AAFP, 2021.

Figura 4 - Selo disponibilizado pela ISFM, garantindo a clínica Catfriendly em ambientes considerados aptos.



Fonte: ISFM, 2021..

8.1 Clínica Veterinaria Cat Friendly Clinic/ Catfriendly Practice

A clínica veterinária com estes certificados segundo a ISFM tem como objetivo garantir aos proprietários que os médicos veterinários têm uma conduta mais adequada, o que permite reduzir o estresse dos seus gatos. Pode ser considerado “Catfriendly” caso possua atendimento especializado, equipamentos e ambiente adequados para o atendimento de gatos e em que se preocupem com o bem-estar destes animais. A adequação a estes pré-requisitos e a inclusão da clínica veterinária na lista da ISFM aumenta o número de visitas e promove a melhoria do atendimento. A ISFM visa divulgar esta iniciativa em múltiplos países, contribuindo assim para a evolução da medicina felina em diversas partes do mundo.

8.2 Reconhecendo a Ansiedade e Medo na comunicação e comportamento dos gatos

É necessário que o médico veterinário e o tutor saibam reconhecer os sinais que os felinos usam para se comunicar tanto quando estão sendo sociáveis com a finalidade de mostrar descontração e afeto, mas principalmente, quando esses animais se sentem ameaçados de alguma forma e desejem entrar em conflito com outros indivíduos. A maioria dos comportamentos indesejáveis exibidos por gatos em clínicas veterinárias é induzida pelo medo (BALTZ, 2016).

Bowen et al (2005) descreve o medo como a resposta que permite evitar o perigo percebido, enquanto Notari (2001) define a ansiedade como o resultado de uma antecipação de uma experiência prévia negativa, em que se sentiu dor ou medo (RODAN, 2011).

Gatos são muito territorialistas e sensíveis a percepções de quem está ao seu redor tendo uma resposta de luta ou fuga para autoproteção quando se sentem confrontados, fogem ou se escondem (HELLYER et.al., 2007).

O medo é a causa mais comum de agressão por gatos na prática veterinária e reconhecer os sinais iniciais é primordial. Observar o posicionamento das orelhas, a postura corporal, o movimento da cauda, alterações na face e pupilas de um gato dão indícios sobre o grau de ansiedade (Figura 5); (Figura 6).

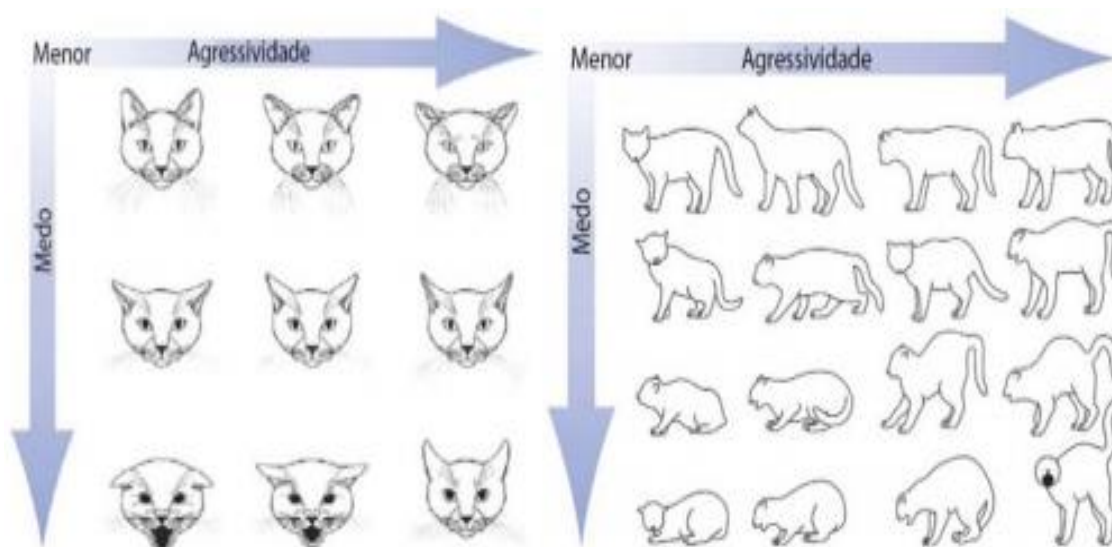
Conforme Bowen (2005) e Heath (2016), quando o felino está agitado ou irritado, a cauda se move de um lado a outro e, se esse sinal não for transmitido, poderá ocorrer aumento da ansiedade, levando à agressão (apud RODAN, 2012), (Figura 2). A ansiedade e o medo também podem ser reconhecido por mudanças na vocalização de miado para rosnado, sibilos e cuspidelas (HELLYER et al., 2007). Nas consultas deve-se evitar sorrir mostrando os dentes já que gatos socializam isso como um forma de ataque e podem ficar assustados e até agressivos.

Quando estão mais sociáveis o ato de piscar no gato sinaliza uma busca em amenizar um ambiente tenso e funciona tanto para a relação com outros gatos, quanto com seres-humanos. O contato prolongado com os olhos, especialmente de um gato desconhecido ou humano, é considerado uma ameaça para esses animais, e, portanto, o piscar lento, por parte dos indivíduos, na direção do gato, pode ajudar a confortá-lo (RODAN, 2012).

As pupilas nos dão uma informação bastante específica quanto ao *status* emocional do gato, em miose, indicam o estado normal, enquanto que as pupilas em

midríase são associadas ao medo e à resposta de luta ou fuga (OVERALL apud RODAN, 2012). Os gatos não são os únicos a sentir ansiedade durante uma visita à clínica veterinária. O dono do gato que acompanha o paciente até a sala de exame também costuma sentir alguma apreensão, quando sentem a apreensão de seu dono, a ansiedade do animal geralmente também aumenta (RODAN, 2012).

Figura 5 - Posturas corporais felinas utilizadas para comunicar medo e potencial agressão.



Fonte: RODAN (2012).

Figura 6 - Expressões corporais felinas demonstrativas de comportamentos pacíficos até os defensivos.



Fonte: SCHOLTEN (2017).

8.3 Preparação do felino a consulta na clínica veterinária

É necessário que os tutores sejam orientados pela clínica veterinária no momento de marcar a consulta de como lidar com seus gatos, a fim de minimizar o medo, a agressão e o estresse que, além de gerar desconforto ao animal e ao proprietário, pode alterar o exame físico e os testes laboratoriais e levar a diagnósticos equivocados e tratamentos desnecessários (CANNON & RODAN, 2015).

Segundo Little (2012) deve-se questionar os tutores sobre possíveis dificuldades em transportar o gato à clínica, e assim instruí-los sobre as melhores formas de realizar esse transporte. O uso de toalhas sobre a caixa de transporte é uma alternativa interessante quando se visa reduzir o estresse do animal, caso este se mostre assustado demais, ou com sensibilidade considerável a estímulos visuais e auditivos (RODAN et al, 2011). Usar toalha ou uma cobertura dentro da caixa de transporte, uma toalha com o cheiro de casa, para se sentirem menos vulneráveis na hora do atendimento (LITTLE, 2019). A caixa de transporte com abertura da parte superior, facilita na hora de manejar o felino.

O manejo começa em casa, educar os tutores para que proporcionem cuidado à saúde do seu gato de estimação é uma forma de prevenir problemas comportamentais futuros e reduzir o estresse dentro de casa, contribuindo para o bem-estar do animal em seu próprio lar e comportamentos positivos em futuras visitas ao veterinário (SEKSEL, 2016).

Fazer enriquecimento ambiental com prateleiras (Figura 7), arranhadores, brinquedos que estimulem a caça, caixa de areia, fonte de água espalhado pela casa e acostumar desde sempre o gato há se habitar com transporte até a clínica e ao manejo propriamente dito, e ofertar segurança como telas na janelas. Muitas das vezes, alguns gatos precisam ser medicados antes da ida ao consultório para minimizar o comportamento agressivo, uma pequena parcela, mesmo com medicação, não permite ser avaliado medicado, não aceita exames complementares, então, precisa de um outro manejo optando por uso de anestesia (BRUNT, 2012).

Figura 7 - Enriquecimento ambiental com plataforma elevada.



Fonte: BRUNT, 2012.

Segundo Little (2012) a opção seria incentivar os clientes a trazerem seus gatinhos para a clínica rotineiramente para verificações de peso, exames de rotina, visando o aumento da socialização especialmente durante os primeiros anos de vida.

8.4 Caixa de transporte

É muito comum relato de tutores que desistem de levar o gato ao veterinário pelo estresse durante o transporte, o que muitas vezes diminui o tempo de vida do animal já que a doença pode evoluir, porém é possível tornar visitas veterinárias menos estressantes (RODAN et al. 2011)

Rodan et al (2011) frisa que o primeiro passo para levar seu gato ao veterinário é se preocupar com um transporte seguro, e para isso devemos sempre utilizar a caixa de transporte (Tabela 1).

Quadro 1 - Caixa De Transporte Ideal

TAMANHO	MATERIAL	ABERTURAS	LOCALIZAÇÃO
Deve permitir que o gato consiga levantar, virar e deitar confortavelmente	Plástico ou fibra de vidro	Superior	Deve fazer parte da mobília

	Maior proteção	Lateral	Colocar cobertor familiar
	Estável para o gato		Borrifar felipay classic
	Maior ventilação		Colocar catnip ou petiscos

Fonte: Adaptado de BAFFA, 2021.

Segundo o autor deve ser evitado a entrada forçada do animal dentro da caixa e além disso nunca retirá-lo a força, depois de adaptado com a caixa, realizar passeios curtos dentro do carro, sempre fazendo reforço positivo verbal já que gatos não aprendem com punição e força.

8.5 Gabapentina

A gabapentina é um medicamento que vem sendo utilizado amplamente na clínica veterinária e ajudado principalmente no auxílio das consultas para gatos com fobias e ansiedade (HAAFTEN, FORSYTHE, STELOW, BAIN, 2017). A dose única via oral, 50mg/kg dose mínima e 100mg/kg dose máxima, se baseou em um estudo que avaliou e constatou que o Placebo (grupo controle) X Gabapentina 100mg (Grupo experimento) comparou o escore de stress de pacientes durante o transporte e a consulta, e a avaliação do stress sendo monitorado pelo tutor e médico veterinário. Os proprietários foram instruídos a administrar a cápsula por via oral 90 minutos antes de colocar o gato em um transportador e transportá-lo para o hospital veterinário. Exames físicos padronizados e leituras de pressão arterial foram realizados. Os escores de estresse foram avaliados pelo proprietário durante o transporte e o exame e os escores de conformidade avaliados pelo veterinário foram significativamente menores quando os gatos receberam gabapentina do que quando receberam o placebo. Todos os efeitos foram resolvidos em 8 horas após a administração. Os resultados deste estudo sugeriram que a gabapentina é um tratamento seguro e eficaz para gatos para ajudar a reduzir o estresse e a agressão e aumentar a adesão para transporte e exame veterinário, concluindo ser uma opção segura e eficaz como ansiolítico pré consulta/transporte. (PANKRATZ, FERRIS, GRIFFTH, SHERMAN. 2018).

Em casos que não seja possível controlar o estresse, e não se trata de uma emergência, o reagendamento da consulta pode ser a melhor opção (GERALDO Jr, 2021).

9. ABORDAGEM DO FELINO NA ROTINA CLINICA

O primeiro passo para a recepção ideal do paciente e seu tutor é a clínica ou ambiente hospitalar dispor de uma área de espera exclusiva para felinos, ou seja, separada da sala de cães, em virtude dos estímulos indesejáveis que a presença de outros animais proporciona (BRUNT, 2012) Além disso é importante atentar para odores acidentais presentes no ambiente, como derramamento de líquidos, pois estímulos como este podem facilitar o aparecimento precoce de estresse, mesmo antes do gato iniciar a consulta médica. Outros odores marcantes, como desinfetantes, também interferem no bem-estar do paciente, e, dessa forma, o espaço deve ser bem ventilado evitando que novamente estímulos odoríferos tragam desconforto ao gato (CANNON et al, 2016).

O manejo do paciente felino possui relevância considerável na abordagem amistosa do gato por parte de toda equipe médica, desde à recepção até à entrada ao consultório, e assim, podemos proporcionar qualidade e a eficiência de um atendimento ideal para esses animais, tão particulares na clínica médica de pequenos animais (CANNON *et al*, 2016).

Uma vez na sala de exame, o médico deve passar um tempo fazendo um histórico e conversando com o dono, enquanto permite que o gato se ajuste e saia da caixa de transporte por conta própria (SILVA, 2017) (Figura 11). Não forçar nada e respeitar o tempo do gato para que ele se sinta confortável é o ideal, assim evita estresse, agressividade, ansiedade e medo, quando o animal apresenta qualquer um desses sinais a realização do exame se torna mais difícil de realizar (CANNON & RODAN, 2015).

Caso o animal não queira sair por conta própria da caixa transportadora, o tutor deve encorajá-lo a sair sem tentar dominá-lo. Se não funcionar, a caixa deve então ser dividida em dois e o exame clínico deve ser aí realizado (Figura 8). Caso a caixa transportadora não possa ser desmontada o gato deve ser encorajado gentilmente a sair, sempre de forma calma. Não é recomendável agarrá-lo pela pele atrás do pescoço, porque o animal considera como uma atitude agressiva. Mesmo

que no momento não reaja de forma agressiva ele tornar-se menos receptivo a ser manipulado nas próximas vezes (CANNON & RODAN, 2015). Além disso o gato que decide em que lugar do consultório quer ser examinado (Figura 8).

Figura 8 - Examinar o gato onde for confortável, como em uma bancada da sala de exame ou enquanto permanece no fundo da transportadora, onde for menos estressante.



Fonte: RONDAN *et al.* 2011.

Massagear ou acariciar o topo da cabeça pode ajudar a relaxar um gato enquanto realiza procedimentos como medir a pressão arterial (Figura 9). O primeiro e o quinto dígitos ajudam a segurar cada lado da cabeça para evitar movimentos que podem causar lesões. Os gatos podem se sentir mais seguros levemente enrolados em uma toalha enquanto estão em uma superfície de exame, como no caso deste gato levemente ansioso (Figura 10). Ela fica mais relaxada com essa técnica do que explorar a sala. Usar uma toalha para enrolar um gato pode fornecer vários graus de contenção e controle (Figura 10). Esta técnica com toalha é excelente para punção venosa cefálica (Figura 10).

Figura 9 - Massagear ou acariciar o topo da cabeça ajuda a relaxar.



Fonte: BEAVER, 2013.

Figura 10 - Gatos se sentem mais seguros enrolados na toalha.



Fonte: RODAN *et al*, 2011.

De acordo com Silva (2017) colocar *catnip* (erva do gato) perto do transportador pode encorajar o gato a se aventurar por conta própria. Observar a postura do paciente e as expressões faciais pode ajudar a revelar ao veterinário o nível de medo do gato (HELENO & AVELAR, 2016)

Caso o gato permaneça tímido, o veterinário pode estender o dedo indicador em direção ao gato para que possa cheirar, lembrando sempre de não realizar nenhum movimento brusco. Uma vez que o gato esteja fora da caixa, esta

deve ser colocada fora de sua vista, para que não queira retornar para dentro dela (HELENO & AVEOLAR, 2016)

Segundo Little (2019) nenhuma regra diz que todos os gatos devem ser examinados em uma mesa de aço inoxidável, muitos gatos ficam mais confortáveis permanecendo no transportador (sem a tampa), ou sendo examinados no colo, no chão, na prateleira ou mesmo na balança após serem pesados. As superfícies da mesa de exame amigáveis para gatos são devem ser de materiais antiderrapantes. Se possível, deixar o gato permanecer sobre a toalha ou roupa de cama que veio na caixa de transporte (Figura 10).

“Menos contenção é sempre a melhor contenção.” (RODAN, 2012). Muitos gatos reagem de forma negativa resultando em um comportamento agressivo, e quanto mais medo eles sentem, mais agressivos ficam, nessa região existem muitas terminações nervosas, ou seja, sofrem calados. Mais efetivo que segurar o gato dessa maneira, é realizar massagens na cabeça, ao redor das orelhas e embaixo do queixo (RODAN et al, 2011)

Ao entender e respeitar o comportamento natural do gato, a equipe veterinária pode traçar uma relação de confiança com o tutor e, com isso, promover saúde para o animal ao obedecer técnicas adequadas para felinos, alcançando o mais completo conceito de bem-estar durante as consultas (RODAN, 2012).

9.1 Recepção e Espera

Quadro 2 - Recursos área de recepção catfriendly

Calma e silenciosa	Arquitetura para gato:	Feromônios
--------------------	------------------------	------------

	<p>Superfícies elevadas para caixas de transporte/ evitar locais baixos ou chão</p> <p>Evitar contato visual direto</p>	
---	---	---

Fonte: adaptado BAFFA, 2021.

Os gatos devem estar visualmente separados dos cães e a sala de espera também deve estar livre de odores ou sons de canídeos (Quadro 2). A separação de espécies pode ter um grande impacto no atendimento clínico, beneficiando a relação entre os proprietários de gatos e o médico veterinário (Cannon & Rodan, 2015).

Cannon & Rodan (2015) aconselham a criar uma área só para gatos no local da sala de espera. A compartimentalização da área deve ser feita de forma a que os felinos não tenham contato visual com os cães, utilizando divisões, ou se não for possível, alinhando as cadeiras de maneira a que os proprietários dos cães se sentem. Caso a separação física entre as espécies não seja possível, uma alternativa é agendar dias ou horários de atendimento específicos para gatos. (Cannon & Rodan, 2015).

9.2 Sala de atendimento

Quadro 3 - Atendimento adequado

<p>Preparar o consultório para atendimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adaptar odores e temperatura - Evitar desinfetantes com odores forte - Forrar a mesa (mesa fria)
<p>Tornar o consultório um ambiente acolhedor e agradável</p>
<p>Atrativos para o gato como: Peninhas, petiscos, sachês, feromônios</p>
<p>Local calmo sem ruídos excessivos</p>
<p>Ter todo equipamento necessário em sala – evitar movimentação excessiva</p>

Fonte: adaptado de BAFFA, 2021.

Na sala de atendimento, como mostra na quadro 3 como ter um atendimento adequado, para que o gato saia do transportador por conta própria (Figura 11), tendo um controle de sons e vozes dentro do consultório, e no momento do atendimento adaptar o exame as necessidades individuais de cada paciente

Segundo Little (2012), a terapia com feromônios felinos sintéticos é bom para o auxílio do manejo de gatos que sofrem com estresse contínuo ou para aqueles que poderão vir a sofrer de qualquer tipo de estresse. Gatos que são expostos ao uso de feromônios felinos no consultório veterinário apresentam menores níveis de estresse quando comparados àqueles que foram apresentados ao ambiente que não possui o uso desse tipo de terapia (PEREIRA et al., 2016), dessa forma, se tornando uma ferramenta aliada do atendimento catfriendly. Além disso, o uso desse tipo de terapia auxilia na socialização entre gatos, facilita na preservação emocional dos bichanos e na sua organização do ambiente.

Figura 11 - Felino saindo sozinho da caixa de transporte no consultório



Fonte: BEAVER, 2013.

9.3 Observando seu paciente

Segundo Beaver, (2013) Os gatos tem seus meios de comunicação muito característico deles de quando estão se sentindo à vontade, uma delas é piscar lentamente os olhos, o veterinário pode estar fazendo o mesmo, para que o animal

sinta confiança no mesmo e que está em um ambiente bom para ele. Evitar sons para não entenderem como ameaça e contato visual direto, sorrir, a demonstração de mostrar os dentes também pode acabar é um indicativo já que nessa espécie este ato é um meio de defesa.

9.4 Manuseio correto do paciente felino

Quadro 4 - Dicas para reduzir o estresse durante o diagnóstico e tratamento

LOCALIZAÇÃO	Escolher uma área tranquila para executar procedimentos diagnósticos ou terapêuticos
POSICIONANDO O PACIENTE	Colocar o gato em uma superfície macia e antiderrapante e na posição mais natural para o procedimento planejado. Por exemplo, execute cistocentese na posição mais confortável para o gato. Isso pode ser na posição em pé ou decúbito lateral, ao invés do decúbito dorsal
FEROMÔNIO FACIL FELINO	O uso de feromônio facial felino sintético em gaiolas hospitalares, mesas ou cobertores nas salas de procedimentos e nas áreas de hospitalização 10 a 15 minutos antes de um procedimento produz um efeito calmante.
PUNÇÃO VENOSA	As veias jugular, cefálica ou safena medial são escolhas apropriadas para a coleta de sangue. A colocação do cateter na veia safena medial é uma boa opção para procedimentos curtos e coleta de sangue. O posicionamento do gato para punção venosa da veia safena medial geralmente requer menos contenção e pode ser o mais confortável para muitos gatos. Normalmente, não é necessário

	fazer tricotomia, tornando o procedimento mais rápido, removendo uma etapa que pode alarmar ou perturbar o gato.
POSICIONAMENTO DO CATETER INTRAVENOSO	Evitar múltiplas punções venosas colocando um cateter intravenoso (IV) para amostras repetidas de sangue, fluidoterapia e / ou tratamentos intravenosos, ou caso seja necessário o acesso de emergência.

Fonte: adaptado de AAFP; ISFM. 2021

A presença do tutor do paciente felino durante a colheita de sangue ou de qualquer outro procedimento normalmente deixa o gato mais confortável, tranquilo e permissivo, de acordo com a (AAFP) já é comprovado cientificamente. Nos EUA a colheita de sangue em clínicas em geral, é realizada em uma sala de procedimentos separada, na qual o paciente é encaminhado para realização da colheita de sangue. Os estudos mostraram que quando separados dos tutores os gatos apresentavam um grau de agitação maior e apresentavam sinais de estresse que corroboravam para alterações hematológicas.

Em contrapartida os gatos que permaneciam com seus tutores durante a colheita aparentavam menor vulnerabilidade e maior conforto favorecendo um exame mais tranquilo e sem alterações. O momento dos exames deve ser tranquilo, principalmente quando há aceitação do paciente, tudo ao redor influência e todas as técnicas amigáveis ao gato devem ser aplicadas (Quadro 3) para que haja um acolhimento de todas as necessidades físicas e emocionais dessa espécie peculiar (BEAVER, 2013).

10. PRATICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES

Na medicina felina, estudos comprovam que a música clássica para gatos pode diminuir os níveis de estresse dos felinos no ambiente clínico e hospitalar (MIRA, 2016)

Na medicina veterinária a cromoterapia utiliza as cores para devolver o equilíbrio energético ao corpo do animal doente, podendo ser utilizado para diminuir a agressividade e agitação (BETAT, 2019). Na medicina felina já vem sendo desenvolvido estudos que comprovam que a cor azul diminui os níveis de estresse e ansiedade nas internações (Figura 12), (BAFFA, 2021).

Figura 12 - Cromoterapia



Fonte: BAFFA, 2021.

11. MANEJO AMIGÁVEL NA VOLTA PARA CASA

Quando o tutor tem mais de um felino, e somente um vai à clínica veterinária, é comum acontecerem agressões na volta para casa. Isso porque os gatos retornam com odores estranhos e/ou desconhecidos, fazendo com que os outros gatos não o reconheçam e o ataquem (RODAN *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021). Assim, deve-se aconselhar o tutor, ao chegar em casa, deixar o paciente por um tempo na caixa de transporte em um cômodo separado e não forçar a interação (RODAN *et al.*, 2012; RODAN, 2016; GERALDO Jr, 2021). Outra técnica que pode ser realizada nesses casos é esfregar uma toalha no corpo do gato que está em casa e em seguida no gato que está retornando, com o intuito de transferir o odor familiar e reduzir o conflito (RODAN, 2016).

Importante sempre manter contato com o tutor e estar a par do tratamento e recuperação do paciente. Com essa interação veterinário-tutor, muitos dos mitos que

envolvem os cuidados veterinários vão se rompendo, beneficiando o paciente felino (RONDAN, 2016).

12. CONCLUSÃO

Através desse estudo foi perceptível como o manejo catfriendly faz a diferença durante o atendimento veterinário com os pacientes felinos, garantindo a manutenção do bem estar dos pacientes em relação a abordagem veterinária e sem proporcionar desconforto aos tutores.

Assim, a visita ao veterinário pode ser mais agradável, mostrando formas ideais de manejar o gato antes, durante e após a consulta, retomando os objetivos de desenvolver um ambiente que respeita o bem-estar felino e, tendo em vista os cuidados necessários com o paciente durante todo atendimento. É necessário ainda, ressaltar que a medicina felina está cada vez mais avançando e melhorando para que possamos melhorar os atendimentos e assim dar mais qualidade de vida aos nossos gatos.

Desta forma, o médico veterinário precisa entender a importância de capacitar em compreender o comportamento felino e a realização das práticas do manejo catfriendly, não somente no ambiente clínico, mas durante toda a vida do felino, de modo a reduzir o estresse e o medo nos pacientes, além de envolver o tutor, aumentando assim o número de atendimentos e a qualidade do serviço prestado.

BIBLIOGRAFIA

AMERICAN ASSOCIATION OF FELINE PRACTITIONERS. Bridgewater, 2021.

Disponível em: <https://catvets.com/>. Acesso em: 02 de Maio de 2021.

BAFFA, Erica. Cat Friendly e Sua Aplicabilidade na Rotina Clínica, 2021.

BALTZ, Annie Correa. Impacto Da Relação Entre Médico Veterinário E Proprietário No Tratamento Recebido Por Felinos Domésticos. **Dissertação de Mestrado** – Universidade de Lisboa, 2017.

BEAVER, B. **Feline Behavior: a guide for veterinarians.** Saunders Elsevier. Ed 2. 2003.

BETAT, V.S. Cromoterapia é Usada Como Tratamento na Clínica Veterinária. **Net Vet News.** Ago. 2019. Disponível em: <https://netvetnews.com.br/post/Cromoterapia-e-usada-comotratamento-na-clinica-veterinaria,95>. Acesso em: 05 de Maio de 2021.

BOWEN, J., HEATH, S. **Behaviour Problems in Small Animals: Practical Advice for the Veterinary Team.** Elsevier Saunders. 2005.

BRUNT, JANE E. The Cat-Friendly Practice. In: LITTLE, S. **The Cat: Clinical Medicine** Management. 3251 Riverport Lane/St. Louis, Missouri 63043: Elsevier, 2012. p. 20-25.

CANNON, MARTHA; RODAN, ILONA; The Cat in the Veterinary Practice. In: HEATH, SARAH; RODAN, ILONA. **Feline Behavioral Health and Welfare.** 3251 Riverport Lane/St. Louis, Missouri 63043: Elsevier, 2016. p. 102-111.

CASE, L. P. **The cat: its behavior, nutrition and health.** 1 ed. Ames: Blackwell, 2003.

FLANIGAN J, SHEPHERD AJ, MAJCHRZAK S, et al. US Pet Ownership & Demographics Sourcebook. Schaumburg, IL: **American Veterinary Medical Association**, 2007.

GERALDO Jr. C.A. Atendimento Cat Friendly. **Zoetis Brasil.** Jan.2021. Disponível em:

<https://www.zoetis.com.br/prevencaocaesegatos/posts/gatos/atendimento-catfriendly.aspx#:~:text=Caso%20o%20estresse%20n%C3%A3o%20seja,2%20horas%20antes%20da%20consulta>. Acesso em: 04 de maio de 2021.

HAAFTEN, A. FORSYTHE, L. STELOW, E. BAIN, M. Effects of a single preappointment dose of gabapentin on signs of stress in cats during transportation and veterinary examination. Departamento de Medicina Veterinária e Epidemiologia, College of Veterinary Medicine, University of California-Davis, Davis, CA 95616. Volume 251: Edição 10. 2017.

HEATH, SARAH; RODAN, ILONA; Handling the Cat that is in Pain. In: _____. **Feline Behavioral Health and Welfare**. 3251 Riverport Lane/St. Louis, Missouri 63043: Elsevier, 2016. p. 287-305.

HELENO, R.V.N; AVELAR, A.T; Manejo do Paciente Felino. **Cadernos Técnicos de Veterinária e Zootecnia**, nº 82 - dezembro de 2016

HELLYER, P.; RODAN, I.; BRUNT, J.; DOWNING, R.; HAGEDORN, J. E.; ROBERTSON, S. A.AAHA/AAFP **Pain management guidelines for dogs and cats**. *J FelMed Surg*, v. 9, n. 6, p. 466-480, 2007

INSTITUTO PET BRASIL. Censo pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil. Instituto Pet Brasil, 2019. Disponível em: <http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/>. Acesso em: 15 de junho de 2021.

INTERNATIONAL SOCIETY OF FELINE. England and Wales, 2021. Disponível em: <https://icatcare.org/veterinary/isfm/>. Acesso em: 02 de Maio de 2021.

LITTLE, S. E. **The Cat: Clinical Medicine and Management**. 1. ed. Missouri: Elsevier saunders, 2012.

LITTLE, S. Diretrizes de Cuidados de Enfermagem e Manuseio Amigável Para Felinos. **Artigo** - Bytown Cat Hospital, 8 de março de 2019

LUE, T.W.; PANTENBURG, D.P.; CRAWFORD, P.M. **Impact of the owner-pet and client-veterinarian bond on the care that pets receive**. *J Am Vet Med Assoc*, v. 232, p. 531–540, 2008.

MIRA, F. *et al*. Influence of Music and Its Genres on Respiratory Rate and Pupil Diameter Variations in Cats Under General Anaesthesia: Contribution to Promoting Patient Safety. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.18, n.2, p.150-159. Febr. 2016.

MOBERG, G.P. & MENCH, J.A. (2000). **The Biology of animal stress: Basic principles and implications for animal welfare**. (1st ed.) Wallingford: CABI.

MOODY, C.M. *et al*. Can You Handle it? Validating Negative Responses to Restraint in Cats. **Applied Animal Behaviour Science**, v.204, p.94-100. July 2019. DOI:

<https://doi.org/10.1016/j.applanim.2018.04.012>.

NATOLI E, BAGGIO B, PONTIER D.MALE **And female agonistic and affiliative relationships in a social group of farm cats (*Felis catus* L.)** *Behav Processes* 2001;53:137-143.

OVERALL, K., RONDAN, I., BEAVER, B., et al. Feline behavior guidelines from de American Association of Feline Practitioners. **Journal American Vet Med Assoc**. 2005.

PANKRATZ, K.E. *et al*. Use of Single-dose Oral Gabapentin to Attenuate Fear Responses in Cage-trap Confined Community Cats: a Double-blind, Placebo-Controlled Field Trial. **Journal of Feline Medicine and Surgery**. v.20, n.6, p.535-543. July 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098612X17719399>.

PEREIRA, G. G; PEREIRA, J. T. **Comportamento Social dos Gatos**. In: FARACO, C. B; SOARES, G. M. **Fundamentos do Comportamento Canino e Felino**. Brasil, SP: MedVet, 2013. p. 145.

RODAN, ILONA; Importance of Feline Behavior in Veterinary Practice. In: HEATH, SARAH; RODAN, ILONA. **Feline Behavioral Health and Welfare**. 3251 Riverport Lane/St. Louis, Missouri 63043: Elsevier, 2016. p. 2-08.

RODAN I, SUNDAHL E, CARNEY H. **Diretrizes de manuseio amigável para felinos** de AAFP e ISFM. *J Feline Med Surg*.2011; 13: 364–375.

RODAN, I. **Understanding the Cat and Feline-Friendly Handling**. In: LITTLE, S. *The Cat: Clinical Medicine Management*. 3251 Riverport Lane/St. Louis, Missouri 63043: Elsevier, 2012. p. 02-18.

SEKSEL, KERSTI. Providing Appropriate Behavioral Care. In: HEATH, SARAH; RODAN, ILONA. **Feline Behavioral Health and Welfare**. 3251 Riverport Lane/St. Louis, Missouri 63043: Elsevier, 2016. p. 90-100.

SCHOLTEN, D.A. Particularidades Comportamentais Do Gato Doméstico. **Monografia** - Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, 2017.

SILVA, D.S. Novas Diretrizes Para o Manejo Clínico Do Paciente Felino. **Monografia** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

SILVA, M.N.; MONTEIRO, M.V.B. **Hematologia Veterinária: Produção de Material Didático**. Pará: EditAEDI-UFPA, 2017.

THRALL, Mary Anna. **Hematologia e bioquímica clínica veterinária**. São Paulo: Roca, 2007. 582 p. ISBN 978-85-7241-668-9.